

ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvío Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-154-8

DOI 10.22533/at.ed.548211006

1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 306.47

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seleto grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu segundo volume, reúne vinte artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES	
Flora Pereira Flor	
DOI 10.22533/at.ed.5482110061	
CAPÍTULO 2	12
<i>SERMÕES EM PALIMPSESTOS</i> , PARA FLAUTA E SONS ELETRÔNICOS: ASPECTOS COMPOSICIONAIS, ACÚSTICOS E PERFORMÁTICOS	
Rodrigo Manoel Frade	
Felipe Mendes de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.5482110062	
CAPÍTULO 3	23
HÁ QUE SE LER A POÉTICA PARA SE ENTENDER A POLÍTICA	
Dinah de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5482110063	
CAPÍTULO 4	36
SISTEMA DE GESTÃO PARA PROJETOS INTEGRADORES	
Cleuza Bittencourt Ribas Fornasier	
Seila Cibele Sitta Preto	
DOI 10.22533/at.ed.5482110064	
CAPÍTULO 5	48
O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM MÚSICA NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL	
Beatriz Paulino Pereira	
Vania Malagutti	
DOI 10.22533/at.ed.5482110065	
CAPÍTULO 6	59
MÚSICA, VOLUNTARIADO E INTERGERACIONALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Estela Kohlrausch	
Johannes Doll	
DOI 10.22533/at.ed.5482110066	
CAPÍTULO 7	70
FERRAMENTAS PARA LER, COMPREENDER E INTERPRETAR O <i>CALENDÁRIO DO SOM</i> DE HERMETO PASCOAL	
Ewerton Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5482110067	

CAPÍTULO 8	81
ARTE PARTICIPATIVA E PROPOSIÇÕES SISTÊMICAS: PESQUISAS E EXPERIMENTAÇÕES ACADÊMICAS Adriana Gomes de Oliveira Helena Martins de Lacerda Laura Campos Daibert DOI 10.22533/at.ed.5482110068	
CAPÍTULO 9	102
AS DESENHAÇÕES COMO POTÊNCIA METODOLÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE: EXPANDINDO OS LIMITES TERRITORIAIS DO QUINTAL Taliane Graff Tomita DOI 10.22533/at.ed.5482110069	
CAPÍTULO 10	116
DIVERSIDADE NA ESCOLA: OS DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA Ana Beatriz Barreira Leite DOI 10.22533/at.ed.54821100610	
CAPÍTULO 11	130
METODOLOGIA INTEGRATIVA CRIATIVA EM ARTE Ana Amélia de Araújo Maciel DOI 10.22533/at.ed.54821100611	
CAPÍTULO 12	139
AS ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PONTO DE CULTURA JOVENS PESQUISADORES Dálete Lima de Souza Érika de Andrade Silva DOI 10.22533/at.ed.54821100612	
CAPÍTULO 13	151
O ENSINO DA MÚSICA E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS EM PORTUGAL João Guimarães Ribeiro Antônio José Pacheco Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.54821100613	
CAPÍTULO 14	165
O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA TERCEIRA IDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM RELEITURAS DA MONA LISA Rosali Henriques DOI 10.22533/at.ed.54821100614	
CAPÍTULO 15	178
O ENSINO DE REGÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA POPULAR:	

PENSANDO OS DISCURSOS Armando de Araujo Ferreira DOI 10.22533/at.ed.54821100615	
CAPÍTULO 16	189
PROJETO SOCIAL E ENSINO DE MÚSICA: OLHAR DOS ALUNOS E DO PROFESSOR EM UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA Lívia Figueiredo de Alencar e Silva DOI 10.22533/at.ed.54821100616	
CAPÍTULO 17	197
A EDUCAÇÃO MUSICAL EM UMA ESCOLA RURAL: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA (TRANS)FORMADORA Igor Viana Monteiro DOI 10.22533/at.ed.54821100617	
CAPÍTULO 18	207
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTES: DESENVOLVIMENTO DAS DIMENSÕES DA MUSICALIDADE NAS AULAS DE ARTE EM CAUCAIA/CE NO INÍCIO DO DISTANCIAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DO YOUTUBE Daniel do Nascimento Sombra Israel Kleber de Oliveira Teó ilo DOI 10.22533/at.ed.54821100618	
CAPÍTULO 19	219
A LEGISLAÇÃO E O ENSINO DE MÚSICA Jayza Monteiro Almeida DOI 10.22533/at.ed.54821100619	
CAPÍTULO 20	231
APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA ATRAVÉS DE ESTÁGIO EM PROJETO SOCIAL Yndira Gabriela Fleitas Villarroel Rita de Cássia Domingues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.54821100620	
SOBRE O ORGANIZADOR	243
ÍNDICE REMISSIVO	244

CAPÍTULO 12

AS ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PONTO DE CULTURA JOVENS PESQUISADORES

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 15/03/2021

Dálete Lima de Souza

Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP
Pradópolis – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/0385210731982676>

Érika de Andrade Silva

Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP
Universidade de Franca – UNIFRAN
Ribeirão Preto – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/4824742424100040>

RESUMO: O objetivo da pesquisa foi verificar se as atividades musicais desenvolvidas na Oficina de Canto Coral contribuíram para a educação das relações étnico-raciais a partir da visão dos participantes. Os fatores que compõem a problemática são a educação contemporânea; o despreparo do(a) professor(a) no processo da formação docente; a falta de materiais e a falta de elaboração de estratégias no campo da educação musical para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Alguns conceitos abordados no referencial teórico foram identidade, desenraizamento e conscientização a partir de autores como Petronilha Silva (2000), Hall (2006) e Freire (1967) (1979). A pesquisa de caráter qualitativo, contou com a participação de 12 crianças e adolescentes entre 7 e 18 anos. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, diários de campo e diálogos com os participantes. Concluiu-se que

a educação das relações étnico-raciais acontece em um processo contínuo e permanente e as estratégias musicais favoreceram diálogos, reflexões e ações promovendo a conscientização e o direito a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação das relações étnico-raciais. Educação musical. Identidade.

MUSIC EDUCATION STRATEGIES FOR PROMOTING ETHNIC-RACIAL RELATIONS AT THE JOVENS PESQUISADORES CULTURE POINT

ABSTRACT: The research's objective was to verify if the musical activities developed at the Choir Singing Workshop contributed to the education of ethnic-racial relations under the participants' perspective. The factors that make up the problem are contemporary education; the unpreparedness of the teacher training; the lack of materials and the lack of elaboration of methodology in the field of musical education for the Education of Ethnic-Racial Relations. Some concepts addressed in the theoretical framework were identity, uprooting and awareness based on authors such as Petronilha Silva (2000), Hall (2006) and Freire (1967) (1979). The qualitative research was held with the participation of 12 children and teenagers between 7 and 18 years old. Data collection was carried out through semi-structured interviews, field diaries and dialogues with the participants. It was concluded that the education of ethnic-racial relations takes place in a continuous and permanent process and the musical strategies provided dialogues, reflections and actions promoting awareness and the right to diversity.

KEYWORDS: Education of ethnic-racial relations. Musical education. Identity.

1 | INTRODUÇÃO

A escolha do tema da presente pesquisa ocorreu através da experiência obtida como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no ano de 2017 contemplando a Educação das Relações Étnico-Raciais nas atividades. Junto a isto há a análise da construção da identidade negra da primeira autora a partir das referências não oferecidas da cultura africana e afro-brasileira no processo da sua formação escolar em oposição as experiências vividas por ela em projetos sociais.

Baseada nessas vivências, surge uma inquietação em relação à falta de acesso por parte dos estudantes aos conhecimentos sobre as contribuições das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras para os alicerces da cultura nacional bem como compreender os fatores que compõem a problemática da inserção de discussões sobre o racismo dentro da educação escolar. São eles: a educação contemporânea que valoriza o produto final no ingresso ao mercado de trabalho e vestibulares em detrimento de tais reflexões; o despreparo do(a) professor(a) no processo da formação docente; a falta de materiais que por muito tempo foi um grande empecilho e começou a ser suprimido depois da promulgação da Lei 10.639/2010 seguida das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e a elaboração de materiais de apoio, junto a isso, a falta de elaboração de estratégias no campo da educação musical que colaborem na utilização crítica e reflexiva do vasto conteúdo musical africano, afro-brasileiro e indígena existente.

A partir disto a pesquisa propôs investigar a educação musical como ferramenta de promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais na Oficina Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores. Buscou-se por meio do tema “Identidade” sugerido aos participantes, explorar a Educação Musical e suas possibilidades de relação com a temática a fim de promover a patamares mais profundos de discussão, bem como a promoção de ações como esta dentro de espaços de educação não-formal como se caracteriza o Ponto de Cultura.

2 | BREVE ESCLARECIMENTO SOBRE OS CONCEITOS

Simone Weil (1943/1996, p. 411 apud BUSNARDO, 2003, p.33) define o enraizamento como “a necessidade que todo ser humano possui de ter uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.

O desenraizamento então “partindo de diferentes contextos, pontos de vista e em datas distintas, expropria seres humanos, transformando jeitos de viver e de ser, impõe papéis sociais adversos, recompõe identidades” (WEIL e HALL, 1979, 2003 apud OLIVEIRA et al, 2005, p.4).

A diáspora¹ dos povos africanos gerou entre muitos resultados devastadores, o desenraizamento. Para melhor compreendermos:

A experiência do tráfico e da escravidão dos africanos para as Américas durante quatro séculos está entre as mais dolorosas práticas sociais que provocaram desenraizamento, exigiram a criação de novas raízes, o que só foi possível graças aos valores de refúgio oriundos das tradições primeiras (MEMMI, 1977 apud OLIVEIRA et al, 2009 p.4).

Nos remete, a partir da análise desta citação, o quanto foi manipulada/distorcida a real história desses povos e ainda é, e que para além da dor física, sofreram um ato de desumanização, negando-os qualquer direito a sua identidade, cultura e humanidade. Imersas no processo de ruptura com suas origens e na busca pela identificação com a cultura dominante, os africanos mergulharam tão profundamente na construção do Brasil, que deixaram de serem eles, para serem nós, os brasileiros (RIBEIRO, 1995).

A inferiorização de brancos sobre negros, europeus sobre africanos, construiu o que compreendemos hoje como racismo. A partir da exploração física, mental, emocional e humana em todos os seus aspectos, o racismo em sua prática, culpabiliza os que se sentem, dentro de um sistema opressivo, responsável por sua situação social, alimentado por todas as condições impostas no processo da diáspora, da escravidão e da abolição da escravatura e hoje se perpetuam de outras formas. Hélio Santos define que:

O racismo parte da suposição irracional da superioridade de um grupo racial sobre outro. É também a crença de que determinado grupo possui defeitos de ordem moral e intelectual próprios. No passado, algumas teorias, supostamente científicas, tentaram elaborar uma hierarquia racial onde alguns grupos predominavam sobre outros. Nada disso conta com o apoio da ciência autêntica, que jamais autorizou esse entendimento. O racismo é uma construção dos homens. É, portanto, ideologia. (SANTOS, 2001, p.03).

Partindo desta premissa, podemos compreender como se deu a construção de identidades afro-brasileiras. Estas que necessitaram - e necessitam - ter acesso as suas memórias, suas histórias, para assim restituírem suas raízes, construir e reafirmarem suas identidades intrínsecas a luta contra o racismo.

Compreender-se-á que o processo de construção de identidades afro-brasileiras se dá a partir da reflexão acerca dos questionamentos em torno da história social do Brasil, das identidades indígenas, africanas e afro-brasileiras que compõe este complexo emaranhado e dos resquícios que permanecem nestas através dos tempos. Neste sentido o processo de conscientização de Paulo Freire contribui para o aprofundamento necessário na compreensão da relação entre construção de identidades negras e a luta contra o racismo.

Nas palavras de Paulo Freire:

A conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem

1 Diáspora africana: "conjunto de comunidades de afrodescendentes em diferentes continentes" (MOORE, 2013, p.294)

sua existência com um material que a vida lhes oferece (FREIRE, 1979, p.26).

A conscientização então, nos torna sujeitos conscientes de nossa própria história, subsidiando a luta contra as opressões sofridas, dando suporte a construção de novos caminhos. Através da educação, a conscientização torna possível a correção dos problemas históricos de opressão. A necessidade de um processo educativo para as relações étnico-raciais se basta na perpetuação de uma sociedade marcada pela desigualdade.

Segundo a professora Nilma Lino Gomes, as relações étnico-raciais:

São relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras, nos quais a raça opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária. Trata-se, portanto, de relações construídas no processo histórico, social, político, econômico e cultural (GOMES, 2010, p.22).

São, portanto, relações que fizeram de nós – os brasileiros – o que somos hoje: povos miscigenados, de cultura e culturas mergulhadas na diversidade, nos resquícios dos processos educativos colonialistas.

Observa-se que a construção de identidades se dá também através da construção de saberes, da memória coletiva, cultural e nacional. É possível analisar na sociedade atual (pós-moderna) que as identidades individuais não são mais fixas e predestinadas como a muito se viu nos séculos XVII e XVIII durante a escravidão, onde portugueses compunham a soberania nacional, enquanto indígenas eram catequisados e africanos considerados “sem alma”. Segundo Hall (2006):

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente e não biologicamente (grifo meu). O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.12).

Podemos dizer então que conforme transcorre o tempo, a história, as identidades são alteradas. Discorrendo sobre este tema, podemos assimilar este processo de afro-brasileiros (as) se reconhecerem e afirmarem sua identidade étnico-racial a partir de trabalhos como este, que buscam valorizá-los como frutos de uma herança cultural e nacional presente.

A educação musical possibilita, entre muitos outros aspectos, contribuir nos processos educativos que têm entre seus objetivos a reflexão crítica. Dentre as muitas possibilidades destacamos algumas como o envolvimento na construção da identidade, as relações com o eu e o(s) outro(s) através da inventividade, contato com acervos

musicais de diferentes culturas e mais profunda análise, a cultura de povos historicamente desvalorizados consonante ao que se pretende nesta pesquisa. Para Kraemer (2000 apud KLEBER, 2006, p.33) “as posições e convicções políticas influenciam na definição de objetivos e concepção de educação musical direcionando a forma e conteúdo musicais, metodologias e valores culturais”.

Contudo, nem sempre há abertura para diálogos acerca de temas como a Educação das Relações Étnico-Raciais. Este se faz mais complexo dentro de espaços de educação formal como se caracteriza a escola regular. Entretanto, na educação não-formal, há maiores possibilidades de construção de atividades que fomentem tais discussões acerca das relações étnico-raciais, pois pelo seu caráter intencional, porém fora do contexto escolar, proporciona aos educadores atuantes neste espaço, maior liberdade para a escolha de conteúdos, materiais e abordagens sendo entendida como prática social intrínseca às sociedades.

A música neste contexto tem significativa influência sobre os que dela se apropriam buscando a transformação de realidades desiguais e a (re)construção de identidades individuais e de grupos. SHEPERD e WICKE (1997, p.194 apud KLEBER, 2006, p.28) definem “música como uma prática social² e cultural e, portanto, descartam o entendimento da música como qualquer outro artefato cultural”.

Podemos conceber a ideia de que a música – em específico a educação musical – como prática social têm função preponderante na construção de saberes de si e do mundo, oportunizando a compreensão e reflexão crítica no processo da construção das identidades, através do vasto conteúdo musical, suas estratégias, pedagogias e didáticas. Neste sentido, o Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores, sendo um projeto de caráter crítico-político, proporciona espaços para as oficinas que o compõem – dentre elas a Oficina de Canto Coral – a elaborar estratégias por meio da educação musical para se atingir objetivos correspondentes.

3 | METODOLOGIA

Este trabalho tem como base as pesquisas bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa. Como procedimentos metodológicos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas possibilitando aos sujeitos envolvidos flexibilidade na dinâmica perguntas/respostas.

O Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores foi escolhido para a realização da pesquisa por ser um espaço de arte, cultura e educação, atendendo a comunidade com atividades gratuitas. É também um espaço adequado para a pesquisa uma vez que atende

2 Para melhor entender, ler OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; JUNIOR, Luiz Gonçalves; MONTRONE, Aida Victoria Garcia; JOLY, Ilza Zenker. **Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais**. UFSCar, SP, 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf>.

diferentes faixas etárias e classes sociais e onde a primeira autora atua na Oficina de Canto Coral na condição de professora realizando pesquisa neste espaço.

A pesquisa foi realizada com 12 alunos participantes da Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores com idades entre 7 e 16 anos. Como critério de inclusão dos colaboradores da pesquisa, os mesmos deveriam ser participantes da Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores. Todos nomes dos participantes apresentados nesta pesquisa são fictícios.

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP em 24 de outubro de 2018, número do CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) 90573318.7.0000.5498.

4 | ATIVIDADES – AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS

As atividades aqui descritas foram selecionadas a partir da análise da relevância histórica, social e musical das canções “Nkosi Sikelel iÁfrica – Hino Nacional da África do Sul”, “Benke – Milton Nascimento” e “Senhora Santana – cantiga folclórica do Vale do Jequitinhonha”. A abordagem contextualizada e a aprendizagem significativa favoreceram a atribuição de significados do grupo a esta experiência. Estas foram selecionadas a partir da análise da relevância histórica, social e musical para o grupo. O tema “Identidade” foi desenvolvido por meio das seguintes estratégias:

- “Valorização da expressão cultural africana” através da canção “Nkosi Sikelel iÁfrica – Hino Nacional da África do Sul”;
- “Discussão acerca das lutas indígenas pelo reconhecimento de seus saberes através da canção Benke – Milton Nascimento”
- “Valorização dos sujeitos oriundos de comunidades remanescentes de quilombos utilizada na canção Senhora Santana – Canção folclórica do Vale do Jequitinhonha”.
- A canção “Nkosi Sikelel iÁfrica – Hino Nacional da África do Sul” em tradução para o português significa “Deus Abençoe a África”. Simboliza a luta e esperança dos africanos e afro-americanos nos protestos e manifestações durante o período de segregação conhecido como Apartheid³. Esta foi a primeira canção apresentada aos participantes pelo fato do contato dos participantes da pesquisa ser com canções provenientes de outras culturas e dialetos, buscamos aproximá-los de forma gradativa.

Inicialmente, foi realizada uma contextualização da história da canção, como o local de origem e a simbologia. O primeiro passo foi apresentar diferentes arranjos da obra, para assim estimular a apreciação e a percepção musical de diferentes arranjos e

³ Letra e tradução disponível em: <http://www.pordentrodafrica.com/cultura/africa-do-sul-conheca-o-emocionante-hino-nacional-cantado-em-cinco-linguas>

instrumentações. Depois, decidimos incluir no repertório.

Trabalhamos durante algumas semanas apreendendo a letra, seus significados e a melodia. Quando estes estavam seguros, foi proposto um desafio para que os participantes criassem seu próprio arranjo.

Por ter sido a primeira canção trabalhada, houve mais dificuldade em promover discussões abertas e profundas, pois ainda não havia abertura dos participantes. Desta forma, buscou-se fomentar os aspectos musicais de forma ampla: Apreciação de diferentes arranjos, estudo da letra e melodia e estímulo para construir ideias para o arranjo. Percebeu-se que desta forma, as próximas atividades foram melhores trabalhadas, já sentindo mais abertura por parte dos participantes.

Estas estratégias colaboraram para o aprimoramento musical (sendo ela cantada em dialeto africano), bem como para despertar o sentimento de pertencimento e identificação com o povo negro através da música e na interpretação das canções, que necessariamente motivavam a pensar criticamente, alinhando-se aos conceitos de identidade e enraizamento articulados com a prática.

Composta por Milton Nascimento, a canção “Benke”, é uma homenagem ao menino indígena de mesmo nome que aos 12 anos foi escolhido para representar seu povo Ashaninka e todos os caciques de tribos indígenas na Rio-92, a conferência mundial sobre clima. Sua fala enalteceu os conhecimentos do povo da floresta e propôs um modelo de comunhão de saberes entre cientistas e indígenas⁴.

Utilizando caixa de som, reproduzimos a canção “Benke” para ser apreciada e estimular a percepção musical. Para a promoção da discussão seguinte, deixamos a canção ser reproduzida em volume mínimo na caixa de som enquanto foi lido o discurso de Benke.

Observou-se no diálogos entre os participantes, que a compreensão acerca da canção e do texto se desenvolvem sobre os vários materiais utilizados no dia a dia e que são oriundos da natureza a partir da visão da destruição do meio ambiente pelos homens. Para além a compreensão que os mesmos têm sobre o início da relação de poder/opressão entre portugueses e indígenas e o conceito de “raças” demonstraram conhecimentos do senso comum sobre a história da construção do Brasil. Na análise da transcrição ocorrida durante o processo foi possível perceber que a falta de acesso ao conhecimento produzido por sujeitos historicamente marginalizados – africanos, afro-brasileiros e indígenas neste caso – não possibilita a construção do (re)conhecimento em relação as estas produções, fomentando as desigualdades existentes o que influencia diretamente na compreensão dos mesmos sobre o inerente papel desses sujeitos nas estruturas sociais e na construção das identidades individuais e coletivas.

Senhora Santana – cantiga folclórica do Vale do Jequitinhonha⁵: Busca valorizar

4 Letra da canção disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47418/>

5 Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/coral-das-lavadeiras-de-almenara-e-carlos-farias/senhora-santana/>

a cultura dos remanescentes do Vale do Jequitinhonha - MG, migrantes na cidade de Pradópolis, que tiveram sua história apagada. Quando contada, a história da cidade de Pradópolis – SP não foi reconhecida a importância desses migrantes na construção das grandes usinas de cana de açúcar e moendas de café que sustentaram (e sustentam) a economia das cidades da região de Ribeirão Preto⁶. A pessoa responsável por preparar a alimentação para os participantes do projeto Jovens Pesquisadores, Dona Carmem, está entre esses muitos migrantes que em busca de melhores condições de vida vieram para Pradópolis.

Na ocasião da escolha da música, Dona Carmem foi convidada a cantar junto com os participantes da Oficina de Canto Coral esta canção, pois sendo ela oriunda do Vale do Jequitinhonha, foi também uma lavadeira que entoava canções durante o trabalho na beira dos rios. Quando feito o convite, Dona Carmem disse que gostaria muito, mas tinha o compromisso de cuidar de sua mãe já centenária e por isso não poderia participar dos ensaios. Porém, alguns minutos depois ela retornou com sua mãe. Os participantes muito empolgados com a presença delas, começaram a fazer perguntas sobre sua história.

A partir das várias histórias que Dona Carmem relata para os participantes sobre as condições de vida no Vale, percebe-se que mesmo distante, há muito conhecimento sobre a cultura local a partir da memória afetiva e da identidade de Dona Carmem que fala com pertencimento sobre os procedimentos, o modo de falar, os costumes e o sentimento de coletividade.

Na análise dos áudios da conversa entre os participantes e Dona Carmem percebe-se que o sentimento de deslocamento que ela sente ao sair de Minas para vir à Pradópolis, se assemelha ao conceito de desenraizamento. Os participantes relacionaram a experiência relatada por ela com as histórias de seus familiares e buscaram lembrar qual o local de origem deles.

Dona Carmem, assim como muitos migrantes, vieram em condições desumanas para trabalhar como “boia-fria”. Eram estimulados pelas inúmeras propagandas da época a vir para “Califórnia brasileira” (Ribeirão Preto) onde encontrariam trabalho bem remunerado e condições para a ascensão social.⁷ Mas o que se vê é um cenário contraditório onde famílias inteiras se deslocam de seu lugar de origem e encontram inúmeras barreiras sociais nos campos da saúde, educação, moradia e socialização. Indentifica-se o processo de desenraizamento e suas ramificações ao passo que conforme Dona Carmem se apropria de sua própria história, entra em outro processo, o de conscientização. Como exemplo neste relato: *“Bom, eu não alcancei escravo. Mesmo assim entre aspas era escravizado, mas não era...”* onde ela reconhece que as condições de trabalho e vida a ela impostos tem relação com a perpetuação da escravidão.

6 Portal da Prefeitura Municipal de Pradópolis: <http://www.pradopolis.sp.gov.br/portal/nossaHistoria.php>

7 Reportagem do Programa da Rede Globo - Repórter sobre “A Califórnia brasileira” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=weuIS1seRMU>

A importância da troca intergeracional entre Dona Carmem, Dona Geni e os participantes da Oficina ocorrida neste momento simboliza a valorização da memória coletiva e proporciona o sentimento de pertencimento e valorização dos sujeitos da comunidade que quando recebem a oportunidade de expor sua cultura, sua memória, sua identidade contribui de forma incalculável para a construção da identidade dos que estão vindo e necessitam ter contato com sua própria cultura, sua origem.

A entrevista em grupo a seguir foi gravada no espaço destinado a Oficina de Canto Coral do Ponto de Cultura Jovens Pesquisadores, a Creche Simone Anacleto, na cidade de Pradópolis – SP, no dia 27 de outubro de 2018 as 9:00hs da manhã. A entrevista teve duração de 32:01min contendo 12 perguntas.

1. Onde você nasceu?
2. Qual o local de origem de sua família?
3. Quais os gêneros musicais prediletos da sua família?
4. Quais são os hábitos mais comuns entre seus familiares?
5. Você se identifica com os hábitos deles?
6. Os seus pais já relataram algum preconceito sofrido devido à origem (local de nascimento), forma de se comunicar (sotaque), vestimentas, cor da pele, tipo de emprego, entre outros?
7. Você já sofreu algum preconceito pelos mesmos motivos?
8. Você já foi preconceituoso (a) com alguém por algum desses motivos?
9. Em relação à música, quando você cantou/tocou as músicas de origens africanas e/ou indígenas o que sentiu?
10. O que essas músicas te fizeram pensar?
11. Você já ouviu esses gêneros musicais em outros lugares (escola, festas, mídias, em casa)?
12. O que é identidade pra você? Qual a relação da música com a sua identidade?

Em suma a maioria dos participantes da pesquisa nasceram em cidades paulistas, porém seus pais e avós são oriundos de estados como Minas Gerais, Bahia, Ceará e Pernambuco, comprovando assim a legitimidade desta pesquisa em relação ao reconhecimento da identidade étnico-racial dos participantes sendo descendentes de migrantes oriundos destes estados com fortes resquícios das culturas africanas e indígenas.

Na pergunta três - quais os gêneros musicais prediletos da sua família? - a maioria dos participantes enfatizaram sertanejo, funk e música gospel como os gêneros mais escutadas em casa ou em outros locais.

Sobre os hábitos e costumes de seus familiares referente a pergunta quatro os participantes responderam situações referente ao dia a dia não relacionando aos costumes

oriundos das culturas que seus pais são originários. Assim completei a frase perguntando se os pais dos participantes iam muito a igreja e a maior parte dos participantes disseram que não. Ainda no mesmo contexto os participantes enfatizam a relação dos pais com a cultura baiana, forte nos costumes e identidade dos mesmos, o que transpassa aos participantes. Isso foi evidente na fala de Elisa que relatou que seus pais vão apenas em uma igreja da Bahia e Gabriel que relatou que seu irmão, Adriel foi batizado na igreja de Pedra construída por escravos.

A pergunta sete foi entre algumas, a mais provocadora, pois tiveram participantes que só se expressaram nela, como a participante Letícia que relatou: *“Eu já sofri um preconceito do meu cabelo porque na escola tipo todo mundo achava que todo mundo tinha que ter o cabelo lisinho, bonitinho só que tipo eu cheguei assim com meu cabelo afro e muitas pessoas “começou” me “zuar” sabe? Falar mal. Eu me sentia ruim por isso. Eu coloquei as tranças agora eu não sei se é uma forma de eu me sentir mais... não sei, uma forma de eu me sentir mais digamos tranquila assim sabe?”*. Outros relataram várias situações de preconceito e racismo vividas pelos pais ou pelo próprio participante.

Na pergunta oito, pude analisar um fenômeno muito comum. A maior parte dos participantes negaram ter cometido algum tipo de preconceito, mesmo em algumas perguntas anteriores terem dado gargalhadas com frases de cunho racista proferida por uma participante. Porém, três participantes que há mais tempo frequentam as ações do Ponto de Cultura mostraram refletir com mais frequência sobre este tema.

Em relação a pergunta 9, os sentimentos mais relatados foram felicidade, força, pertencimento e liberdade. Vale ressaltar a fala de Gabriel no trecho *“como se a cultura tivesse aqui dentro e ela pulasse pra fora”*, sendo possível afirmar que o processo do reconhecimento em relação as culturas aqui trabalhadas estão em desenvolvimento bem como a construção da identidade étnico-racial.

Pode-se perceber que os participantes compreenderam como a música os afetou e colaborou em suas ações cotidianas e em sua formação pessoal a partir da análise e transcrição das entrevistas. As falas acerca da relação da música com suas identidades - cotidiano, alteração de comportamentos - se revelam, assim compreendemos que os participantes se sentiram sensibilizados pelas canções trabalhadas.

A entrevista com os participantes possibilitou uma reflexão mais profunda sobre os diferentes tipos de preconceitos – em específico – o racismo e como se desdobrou na vida dos mesmos. Seja nas relações sociais, seja em conexão com a música, os participantes se mostraram reflexivos em relação ao tema, o que podemos considerar ter sido fomentado pelo trabalho com as canções e as estratégias utilizadas.

Observa-se também que a presença da música no cotidiano dos participantes é marcante, assim como as canções trabalhadas na Oficina provocaram reflexões demonstradas nas respostas, bem como o sentimento de pertença com as mesmas. Contudo, a relação evidente e consciente sobre a conexão Música x Identidade não se faz

concreta por ser “identidade” um conceito ainda de difícil compreensão para os mesmos ou por compreenderem que a prática “boa ou ruim” do canto, dentro da Oficina, exemplifica a não-relação que os mesmos têm com a música. Assim é necessária a continuação do trabalho dentro da Oficina com os participantes, afim de proporcionar novas experiências, cada vez mais profundas a respeito do tema identidade.

5 | CONCLUSÕES

Esta pesquisa nos possibilita refletir acerca das estratégias que podem ser adotadas na educação – em específico na educação musical – para que seja promovida uma proposta educacional que leve em consideração a Educação das Relações Étnico-Raciais. Não pretendemos, contudo, dar respostas absolutas sobre a prática, e sim fomentar os diálogos pertinentes à temática contribuindo com educadores musicais, que também compreendem a educação musical como ferramenta de transformação de realidades que têm em sua história práticas de desumanização impingidas de uns sobre os outros.

Neste contexto compreende-se a música como ferramenta de contribuição para a Educação das Relações Étnico-Raciais, pois, pela própria natureza, mobiliza os sentidos, convidando à ação mesmos os que não estejam dispostos, sendo também entendida como atividade musical historicamente inserida no contexto cultural. Assim sendo, se apresenta muito eficiente na mobilização de pessoas, servindo de ferramenta mobilizadora que fomenta ações e reflexões, promovendo o direito a diversidade.

A partir das reflexões, compreendemos ser necessário fortalecer o processo de descortinar determinadas narrativas históricas, possibilitando o contato com o que nos foi e é velado. Esta memória, enraizada, porém desvalorizada, necessita emergir, sair da amnésia social, podendo este processo ser mais efetivo quando trabalhado coletivamente através de ferramentas mobilizadoras como a educação musical.

Consideramos que os participantes obtiveram oportunidades de refletir acerca de suas identidades a partir da utilização das estratégias e análises feitas durante a realização das atividades. Destaco que os que há mais tempo frequentam o Ponto de Cultura, assim respectivamente a Oficina de Canto Coral, se mostram mais reflexivos e conscientes de suas histórias, observando e transformando seus posicionamentos e atitudes perante as situações de racismo vividos por eles e por seus familiares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LEI 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, DF, 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 10/05/2018.

BUSNARDO, A. M. **Transformações no trabalho, luta operária e desenraizamento: a reestruturação produtiva no cotidiano e nas representações de trabalhadores metalúrgicos de uma empresa da região do ABC**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 6, n. 1, p. 15-35, 2003. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25849>. Acesso em 22/08/2018.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e pratica da libertação. São Paulo: Cortez, 1979. 174

GOMES, Nilma Lino. **Educação, Relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: Breves reflexões**. In: BRANDÃO, Ana Paula (Org). *A Cor da Cultura – Saberes e Fazeres – Modos de Fazer*. 1º Ed. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 19-25. ISBN 978-85-7484-490-9.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Thomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. 11º Ed - Rio de Janeiro: DP&A.2006.

KLEBER, Magali Oliveira. **A prática de educação musical em ONG's**: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós Graduação em Música. Porto Alegre, Junho de 2006. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/9981/000547646.pdf?sequence=1> Acesso em 15/11/2018.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; JUNIOR, Luiz Gonçalves; MONTRONE, Aida Victoria Garcia; JOLY, Ilza Zenker. **Processos educativos em práticas sociais**: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. UFSCar, SP, 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf>. Acesso em 22/08/2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Hélio. **Discriminação racial no Brasil**. Anais de seminários regionais preparatórios para a conferência mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata. Brasília: Ministério da Justiça. 2001. Disponível em: http://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao_racial_no_brasil.pdf Acesso em 11/12/2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academia Imperial de Belas Artes 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11

Análise acústica 12

Anos iniciais 214, 216, 219

Aprendizagem de docência 231, 238

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 23, 24, 29, 30, 31, 34, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 100, 101, 104, 121, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 143, 154, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 199, 207, 208, 210, 212, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 234, 243

Arte participativa 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 92

C

Calendário do som 70, 71, 77, 79, 80

Campos mórficos 81, 99

Contextos de aprendizagem da música 151

Criatividade 37, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 51, 86, 130, 132, 133, 165, 172, 182, 198, 211, 215

Cultura 27, 34, 61, 63, 66, 68, 69, 80, 86, 88, 89, 101, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 128, 129, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 159, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 183, 190, 202, 204, 218, 225, 226, 229, 233, 237, 243

Cultura afro-brasileira 116, 118, 119, 120, 121, 129

Currículo 1, 118, 119, 120, 154, 155, 156, 178, 179, 180, 181, 183, 187, 188, 193, 219, 220

D

Design de moda 36, 37, 46, 47

Dimensões da musicalidade 207, 208, 210, 211, 212, 216, 217, 218

Diversidade cultural 116, 117, 118, 119, 126, 128, 221, 225, 229

E

Educação das relações étnico-raciais 139, 140, 143, 149

Educação musical 48, 49, 51, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 66, 68, 69, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 149, 150, 151, 154, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 179, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 222, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 240, 241, 242

Ensino-aprendizagem 53, 82, 99, 130, 131, 135, 166, 176, 234, 236, 240

Ensino artístico 1, 2, 10, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 162

Ensino coletivo de violino 197, 198
Ensino de artes visuais 165, 166, 176, 177
Ensino de música 68, 69, 152, 158, 160, 163, 181, 183, 189, 190, 192, 197, 198, 206, 208, 210, 219, 222, 224, 226, 229, 237
Ensino de regência 178, 179, 187
Ensino do desenho 2, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 113, 114
Ensino formal e não-formal 231
Ensino genérico da música 151
Ensino não formal 102, 110
Equilíbrio sonoro 12, 16, 17, 21
Escola 2, 3, 5, 6, 10, 11, 14, 21, 24, 25, 52, 54, 55, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 100, 110, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 143, 147, 148, 154, 155, 157, 158, 159, 163, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 232, 234, 236
Escola rural 197, 199, 200
Estágio 38, 53, 191, 231, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242

F

Festival de música contemporânea brasileira 70, 80
Flauta transversal 12
Formação e atuação em educação musical 48
Formação musical 48, 49, 56, 157, 159, 182, 189, 199, 224
Frevo 70, 71, 72, 73, 75, 76, 79

G

Gestão por processo 36, 38, 39, 42, 45

H

Hélio Oiticica 29, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 101
Hermeto Pascoal 70, 71, 72, 74, 79, 80
História africana 116
História da arte 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 29, 85, 86, 165, 166, 167, 168

I

Identidade 42, 59, 60, 61, 65, 66, 68, 69, 95, 106, 112, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 193
Inclusão 29, 130, 144, 155, 190, 192, 196
Integração 37, 56, 57, 81, 85, 86, 92, 98, 105, 112, 130, 132, 153, 156, 159, 182, 190, 234,

Intergeracionalidade 59, 60, 61, 63, 67

L

Licenciatura em música 130, 131, 135, 178, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 198, 206, 231, 232, 233, 234, 235, 239

Lygia Clark 81, 82, 85, 94, 97, 98, 100, 101

M

Memórias afetivas 81, 92, 93, 94

Metodologia 4, 9, 24, 31, 37, 41, 43, 45, 47, 50, 82, 87, 100, 105, 130, 131, 135, 137, 138, 143, 179, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 199, 201, 202, 231, 233, 240

Metodologias experimentais 23

Música 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 79, 80, 92, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242

Música mista 12, 14

Musicologia 70

N

Negros 30, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 127, 128, 141

P

Paul Ricœur 70, 71

Pedagogia das encruzilhadas 23, 24, 26, 35

Prática docente 49, 102, 103, 105, 107

Prática pedagógica 29, 110, 116, 192, 227

Prática profissional 48, 55

Produção do conhecimento 36, 41, 42

Projeto de extensão universitária 48

Projeto social 189, 192, 195, 231, 233, 240

T

Terceira idade 63, 165, 166, 176, 177

Transtextualidade 70

V

Voluntariado 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

W

Walter Benjamin 23, 26, 29, 34, 35

ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2021